

PAPEL DA DISPLASIA DE BAIXO E ALTO GRAU EM DESORDENS POTENCIALMENTE MALIGNAS BUCAIS COMO MARCADOR HISTOPATOLÓGICO DE PROGRESSÃO PARA O CARCINOMA ESPINOCELULAR BUCAL

Crazielle Oliveira Stelzer*, Isadora Luana Flores.

Objetivos: Avaliar a progressão de displasia epitelial (DE) para o carcinoma espinocelular bucal por meio do sistema de classificação da Organização Mundial da Saúde (OMS) e sistema binário. Além disso, objetivamos avaliar o impacto no diagnóstico final da DE pelo sistema binário com a inclusão de uma alteração arquitetural (duplicação da camada basal) e uma citológica (binucleação/multinucleação), ambas não consideradas previamente. **Metodologia:** Três patologistas orais, independentemente, avaliaram 62 lâminas de DE, em dois momentos diferentes, para os dois sistemas de classificação, em todas as áreas do tecido epitelial de cada lâmina. As variabilidades intra e interobservador foram avaliadas por meio da estatística Kappa de Cohen e da porcentagem geral de concordância. **Resultados:** Os resultados mostraram concordância geral interobservador leve para o sistema da OMS e binário, para as duas observações, ($k = 0.085$ e 0.124) e ($k = 0.107$ e 0.093), respectivamente. Os valores de Kappa intraobservador para o sistema da OMS e binário revelaram concordância geral razoável para ambos os sistemas, respectivamente, ($k = 0.387$ vs $k = 0.385$). A análise das alterações histopatológicas demonstrou maiores porcentagens de concordância geral entre os avaliadores para: estratificação epitelial irregular (94,15%) e perda da polaridade das células basais (94,15%). Mitoses atípicas (43,26%) e duplicação da camada basal (46,19%) apresentaram as menores concordâncias. A avaliação dos achados sugeridos como critérios de diagnóstico, apresentou impacto no diagnóstico final em 35% dos casos de DE (baixo grau para alto grau).

Descritores: Lesões Pré-Cancerosas. Variações Dependentes do Observador. Carcinoma de Células Escamosas.

O QUE ESTÁ SENDO PUBLICADO SOBRE ENDOCROWNS? UMA REVISÃO DE LITERATURA

Guilherme Espinosa Dutra*, Camila Raubach Dias, Eduardo Trota Chaves, Heloisa Grehs e Silva, Cristina Pereira Isolan, Eliseu Aldrigui Munchow

Objetivo: revisar a literatura e mapear as informações científicas disponíveis a respeito de restaurações do tipo *endocrown*. **Materiais e métodos:** Realizou-se uma busca em três bases de dados em saúde: Medline/Pubmed, Embase e Cochrane Central Register of Controlled Trials (CENTRAL) utilizando os termos de busca: “*endocrown*”, “*endo-crown*” e “*endo crown*”, por dois revisores independentes. Foi executada uma seleção em duas etapas: (1) leitura de título e resumo e (2) leitura completa dos estudos aprovados na primeira etapa, com critério para exclusão os estudos que não abordassem *endocrowns*. **Resultados:** Ao final da seleção, cento e quarenta e nove estudos foram incluídos para coleta de dados geral e, posteriormente, oitenta e seis desses estudos (*in vitro*, ensaios clínicos e registros de ensaios) foram avaliados mais especificamente. Houve um aumento das publicações ao longo dos anos, com ênfase a partir do ano de 2017. Os periódicos de *qualis* A1 (Dental Materials - 8,2%) e A2 (Journal of Prosthetic Dentistry - 8,2%), respectivamente, são os que mais publicam sobre o tema. Encontrou-se predominância de estudos *in vitro* (44,9%), registros de ensaios clínicos (11,4%) e revisões de literatura (10%). Para a avaliação específica, os Estados Unidos apresentaram maior número de publicações (29,1%), seguido do Brasil (10,4%) e Holanda (10,4%). Diferentes testes, para avaliação do comportamento biomecânico, foram aplicados para a